

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TECNOLOGIA E PRODUÇÃO
- TRABALHO

## **CURSO DE INTRODUÇÃO À LÍNGUA KAINGANG: PROTAGONISMO INDÍGENA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**

**Joel Anastacio (UEPG, [joelanastacio22@gmail.com](mailto:joelanastacio22@gmail.com))  
Renato Pereira (UEPG, [renatoprr2@gmail.com](mailto:renatoprr2@gmail.com))  
Letícia Fraga (UEPG, [leticiafraga@gmail.com](mailto:leticiafraga@gmail.com))**

**Resumo:** Este texto descreve o processo de proposição e desenvolvimento de um curso de extensão, intitulado “Curso de Introdução à Língua Kaingang”, atividade que compõe o projeto “Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/ multiculturais”. Neste sentido, descreve-se a justificativa para a proposição do curso, uma iniciativa de dois acadêmicos indígenas, alunos dos cursos de Odontologia e Agronomia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, a metodologia definida para as aulas (baseada na chamada Pedagogia Kaingang, de INÁCIO, 2010), o planejamento de cada aula e o processo de interação entre professores indígenas e alunos/participantes indígenas e não indígenas. Como resultados, realiza-se uma avaliação entre as expectativas dos professores e o desempenho dos alunos/participantes e define-se, a partir de um feedback dos alunos/participantes, que o curso terá uma segunda edição, com a proposta de avançar nos conteúdos relativos à escrita em Kaingang. Enfim, a realização do curso levou à organização de um Coletivo de Estudos e Ações Indígenas (CEAI), “pela necessidade de organizar os trabalhos (futuros e em desenvolvimento) no sentido de concentrar esforços” (FRAGA *et al.*) para desenvolver projetos dentro e fora da universidade, que atendam as demandas das comunidades indígenas do Paraná.

**Palavras-chave:** língua Kaingang. Revitalização linguística. Pedagogia Kaingang.

### INTRODUÇÃO

Sabendo o quão necessário e importante é para os povos indígenas preservar suas línguas, dois acadêmicos Kaingang, Renato Pereira e Joel Anastacio, respectivamente alunos dos cursos de Odontologia e Agronomia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em março de 2017 tomaram a iniciativa de colocar em prática uma ideia já cultivada ao longo de sua caminhada como acadêmicos universitários: propor a realização de um curso de língua Kaingang na instituição.

A proposta de realizar um curso de introdução à língua Kaingang<sup>1</sup> dentro da universidade a princípio surgiu com o objetivo de proporcionar apenas a acadêmicos indígenas o resgate da língua, considerando que estes, quando se deslocam das suas

---

<sup>1</sup> Ocorrido entre maio e julho de 2017, como curso de extensão.

comunidades em direção à cidade, acabam perdendo o contato direto com sua língua materna, o que muitas vezes faz com que acabem esquecendo o idioma.

O formato da proposta inicial foi sendo alterado a partir de reuniões e discussões realizadas entre os dois acadêmicos e a professora da instituição, Letícia Fraga, que acolheu a ideia do curso no âmbito do projeto de extensão “Formação inicial e continuada de professores de língua em comunidades multilíngues/ multiculturais”, que Renato e Joel passaram a integrar. Nas reuniões feitas, chegou-se à conclusão de que seria importante abrir a oferta do curso não apenas para a comunidade acadêmica indígena, mas também para pessoas não indígenas (inclusive comunidade externa) que tivessem interesse em conhecer uma nova língua que existe e resiste há muito tempo no país, a qual também é desconhecida por indígenas de outras etnias, alunos da UEPG.

Outro fator importante que contribuiu muito para que a proposta seguisse adiante, inclusive se fortalecendo ainda mais, foi a ideia de relacionar as atividades do curso às necessidades e carências de materiais didático específico das escolas indígenas. A falta de materiais escolares voltados para o resgate da língua Kaingang é muito grande dentro das comunidades paranaenses. Conhecendo as necessidades que as escolas têm passando, os proponentes consideraram que o curso, além de ser uma oportunidade de a) resgate da língua para os indígenas; b) conhecimento e aprendizado para não indígenas, poderia oportunizar levantamento de matéria-prima, fruto das atividades realizadas no decorrer das aulas, que pudesse servir de base para a criação de materiais didáticos diversos, elaborado pelos alunos participantes, juntamente com os professores indígenas do curso.

A definição da metodologia do curso e o planejamento das aulas que foram ministradas no decorrer de todo o período do curso foram realizados pelos professores indígenas, sem interferência da professora orientadora do projeto, que é não-indígena, com o objetivo de resguardar o máximo possível o desenvolvimento do trabalho dentro de uma pedagogia Kaingang (INÁCIO, 2010). A elaboração dos planos de aula era realizada às sextas-feiras e em cada encontro se objetivava passar da melhor maneira o conhecimento da língua para os alunos. As aulas eram elaboradas com o intuito de os alunos conhecerem a forma escrita da língua Kaingang. Também foram propostos exercícios para que os participantes “exercitassem os ouvidos”, para que conhecessem o som das palavras, já que a língua Kaingang tem sons diferentes dos do português. Foi passado para o conhecimento dos alunos o alfabeto Kaingang, o qual é diferente do português. À medida que cada família silábica era apresentada, eram passadas palavras em Kaingang que possuíam aquela sílaba e era repassado o significado das palavras para os alunos.

**Figura 1 – Cartaz do Curso de Língua Kaingang****Figura 2 – Explicação de conteúdo**

Legenda: Professores e alunos indígenas participantes

## OBJETIVOS

O objetivo geral do curso era fazer com que os participantes apreendessem aspectos da gramática da língua Kaingang, tendo em vista o desenvolvimento de textos escritos pertinentes ao ensino de Kaingang em escolas indígenas.

Já os objetivos específicos eram:

- Discutir a realidade das línguas indígenas no Brasil e no Paraná.
- Adquirir noções elementares da comunicação oral e da escrita Kaingang.
- Realizar leituras orientadas em Kaingang.
- Produzir textos em Kaingang para elaboração de material a ser utilizado em

escolas

## METODOLOGIA

A proposição do curso de língua Kaingang realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa entre maio e julho de 2017 seguiu os preceitos da pedagogia Kaingang, segundo a qual cabe ao professor Kaingang “[...] resgatar e valorizar as formas tradicionais Kaingang de repassar os conhecimentos para os jovens, porque essas formas não são meros métodos em fase de experimentação, mas sim metodologias aplicadas, avaliadas e aperfeiçoadas através dos tempos” (INÁCIO, 2010, p. 45, grifos nossos).

## RESULTADOS

Para que esse trabalho fosse concluído e tivesse o resultado esperado a partir do que foi planejado e desenvolvido ao longo de todo o período do curso, ressalta-se a participação de todos os alunos envolvidos juntamente com os professores indígenas.

Sabendo o quão difícil é aprender a língua Kaingang, a satisfação por parte dos professores indígenas ao acompanhar a evolução de cada aluno no decorrer das aulas foi muito grande.

No início das aulas, a participação por parte dos alunos era tímida, por estarem tendo o contato com a língua pela primeira vez. No entanto, isso não diminuiu nem um pouco as expectativas dos professores em passar da melhor maneira os seus conhecimentos. A evolução dos alunos pôde ser observada a cada aula ministrada, os professores eram cada vez mais questionados por meio de perguntas, exposição de dúvidas, evidenciando-se que todos estavam realmente interessados em aprender a língua Kaingang.

As expectativas dos professores indígenas em relação à evolução dos alunos foram mais que superadas, já que todos evoluíram dentro do curso. Para o último encontro foi elaborada uma prova para verificar o desempenho dos alunos em relação ao que aprenderam sobre a língua e para fechar a primeira etapa e todos tiveram um bom desempenho na avaliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o resultado esperado e o objetivo concluído, os professores consultaram os alunos participantes sobre o interesse em dar continuidade ao curso e todos os que concluíram o curso afirmaram que pretendem continuar os estudos. Na segunda etapa a ser ofertada serão trabalhadas formação de palavras e criação de textos, os quais serão utilizados na produção de materiais didáticos a serem utilizados nas escolas indígenas.

A partir dos resultados atingidos, percebeu-se a necessidade de organizar os trabalhos futuros, por meio da criação de um grupo de estudos e ações, destinado a pessoas que queiram contribuir de alguma forma positiva – social e culturalmente – para a questão indígena. Esse foi, portanto, o pontapé inicial para a criação do Coletivo de Estudos de Ações Indígenas (CEAI)<sup>2</sup>, que também é resultado das atividades desenvolvidas no curso, considerando a necessidade em desenvolver projetos de estudos dentro e fora da universidade, com vistas a atender as demandas das comunidades indígenas do Paraná

## REFERÊNCIAS

Ordenadas alfabeticamente pelo sobrenome do autor conforme ABNT (NBR 6023/2002).  
Obs. A exatidão das referências é de responsabilidade do(s) autor(es).

FRAGA, Letícia; ANASTACIO, Joel; PEREIRA, Renato; GOITOTO, Paulo; SOUZA, Julia; FONSECA JÚNIOR, Álvaro Franco da; QUEIROZ, Elisangela W.; FONSECA, Mariana Fraga da. **A criação de um coletivo de estudos e ações indígenas: a trajetória do CEAI**. Inédito.

INÁCIO, Andila Nĩvygsãnh. VËNH KANHRÃN. In: MARQUES, Tania B. I.; ARENHALDT, Rafael (Org.). **Memórias e afetos na formação de professores**. 01. ed. Pelotas - RS: UFPEL, 2010. p. 43-69

---

<sup>2</sup> “A ideia de criar o coletivo surgiu tanto pela necessidade de organizar os trabalhos (futuros e em desenvolvimento) no sentido de concentrar esforços, como também para solucionar questões de ordem ética que inquietavam o grupo, como, por exemplo, a questão de poder registrar claramente que as ações desenvolvidas são de autoria e responsabilidade coletiva, mesmo que em determinados momentos as exigências burocráticas (especialmente acadêmicas) determinem que se tenha que definir papéis fixos às pessoas, bem como definir a hierarquia que se estabelece entre elas, a qual muitas vezes não traduz a forma como os trabalhos são efetivamente realizados” (FRAGA *et al.*, inédito) .